

**TOTALIDADES INICIAIS:
APRENDER A LER (O MUNDO), ESCREVER (SUA HISTÓRIA) E SER FELIZ**

Adriana Maidana
Pedagoga – UFRGS
adrianafmaidana@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como intuito compartilhar as experiências iniciais vivenciadas por uma professora recém-chegada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, lecionando para as Totalidades Iniciais em uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre, cujo perfil da comunidade é marcado pela violência, tráfico de drogas e pobreza, busca – além de alfabetizar os educandos para a escrita e leitura da palavra – formas de problematizar as vivências dos educandos, encorajando-os também a aprender a ler o mundo, escrever a sua história nele e buscar a almejada felicidade.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização. Felicidade.

**INITIAL TOTALITIES:
LEARNING HOW TO READ (THE WORLD), WRITE (HIS/HER OWN HISTORY) AND BE
HAPPY**

ABSTRACT

This work intends to share the initial experiences lived by a newcomer teacher to Young people and Adult Education (EJA) who teaches for Initial Totalities in a public municipal school in the city of Porto Alegre, whose community's profile is marked by violence, drug trafficking and poverty. In addition to developing students' literacy (reading and writing), the teacher also looks for ways to discuss their experiences, encouraging them to learn how to read the world, write their story on it and reach the desired happiness.

Keywords: Young People and Adult Education. Literacy. Happiness.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da Educação Básica no Brasil. Essa modalidade é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos, ou que não tiveram acesso ao Ensino Fundamental, ou Médio.

No município de Porto Alegre/RS, localidade em que se deu a prática pedagógica aqui relatada, a concepção de educação, aprendizagem e de currículo da Educação de Jovens e Adultos passa pela compreensão de que se aprende de forma interdisciplinar. A abordagem da ação pedagógica interdisciplinar é embasada na proposta defendida por Santomé (1998), onde a integração dos campos do conhecimento e da experiência visa facilitar uma compreensão mais reflexiva e crítica da realidade, destacando não apenas dimensões situadas nos conteúdos

culturais, mas também o domínio de processos necessários ao alcance de conhecimentos concretos. Nesse sentido, o currículo pretende ser crítico, democrático e transformador; representativo da consciência reflexiva sobre o desenvolvimento da realidade e organizado por Totalidades do Conhecimento. As Totalidades de Conhecimento propiciam de forma mais dinâmica e objetiva o trabalho interdisciplinar, tendo em vista os conceitos epistemológicos dos professores e o contexto da escola, dos educandos e da comunidade na qual está inserida a instituição. O currículo da instituição na qual se deu este trabalho está organizado por semestre e dividido em seis Totalidades entre Iniciais e Finais. As Totalidades Iniciais (1, 2, 3) correspondem ao processo de alfabetização, sendo que na Totalidade 1 ocorre a construção dos códigos escritos (alfabéticos e numéricos); na Totalidade 2 se dá a construção dos registros desses códigos e na Totalidade 3 ocorre a construção das sistematizações dos códigos. As Totalidades Finais (4, 5 e 6) – que correspondem aos Anos Finais do Ensino Fundamental, abrangem todas as disciplinas do currículo: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Língua Estrangeira, Educação Física e Educação Artística.

Embora se tenha conhecimento de que a Educação de Jovens e Adultos passou por significativas mudanças e adquiriu importantes conquistas em termos de legislação, nas últimas duas décadas, ainda é uma modalidade vista em segundo plano, tanto pelas governanças quanto pela sociedade. Essa invisibilidade da modalidade perante o Governo e à própria sociedade agrava o trabalho na EJA, tornando-o um desafio, pois se acumulam uma série de fatores de ordem social, pedagógica e política.

Levar em consideração as especificidades do público que compõe a Educação de Jovens e Adultos é o primeiro passo para o sucesso do trabalho com essa modalidade. No caso das Totalidades Iniciais, ainda há o estigma do analfabetismo, já que a maioria dos sujeitos são alfabetizando e recorrem à EJA como a última chance de recuperarem o tempo e os saberes escolares perdidos em função das diferentes histórias de vida.

Na instituição citada neste artigo, as Totalidades Iniciais são atendidas conjuntamente, mesclando jovens, adultos e idosos, cada sujeito com diferentes níveis de conhecimentos escolares, saberes e vivências, características comuns ao público da

EJA. Os alunos possuem um perfil pouco participativo, pois não costumam articular discussões, nem em grupo nem individualmente.

Segundo Paulo Freire (1987), é preciso que os educadores que alfabetizam jovens, adultos e, muitas vezes, idosos, tenham uma visão de alfabetização que vá além do ba,be,bi,bo,bu, pois alfabetizar implica uma compreensão crítica da realidade social, política e econômica, na qual está o alfabetizando. Em outras palavras, estar alfabetizado deve ir além de simplesmente saber ler e escrever (utilizar códigos escritos); é congrega a habilidade de ler e escrever o mundo em que se vive, interagir com ele, transformá-lo e, assim, transformar positivamente também as suas vivências enquanto sujeito.

A partir do entendimento de que o currículo é crítico, democrático e transformador, representante da consciência reflexiva sobre o desenvolvimento da realidade, utilizou-se como aporte teórico o conceito de Educação Popular. A definição do termo “popular” pode ser entendida como sendo algo do povo, para o povo, que atende às necessidades do povo. A Educação Popular é uma concepção educativa que valoriza os saberes prévios do povo a partir de suas realidades culturais na construção de novos saberes e possibilitando uma melhor leitura de realidade social, política e econômica dos educandos.

Além dos aportes teóricos já citados, esta ação educativa esteve ancorada no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em questão, cuja perspectiva epistemológica freireana, que é fonte dessa opção, se fundamenta na dialogicidade e na utopia voltada para uma pedagogia da libertação, que se realiza como práxis. Tendo uma concepção de educação como sendo uma prática dialógica e libertária, idealizada por Paulo Freire (1987, 1996), um defensor da educação humanizadora e libertadora. Para o autor, a prática pedagógica se pauta no diálogo como um instrumento primordial, visto que este possibilita conhecer as distintas formas de saber (experiências) que os alunos trazem consigo e, ao valorizar esta bagagem incorporada, é possível ampliar significativamente os conhecimentos e aprendizagens (FREIRE, P., 1987). A experiência da interação com o outro, através do diálogo, oportuniza a problematização das relações consciência-mundo. O diálogo mediatiza sujeitos com

diferentes leituras de mundo, viabilizando um encontro em que “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos. Há homens que, em comunhão, buscam saber mais.” (FREIRE, P., 1987, p. 81).

A educação, segundo a ótica freireana, visa a libertação e a transformação radical da realidade, buscando torná-la mais humana. Em seu ideal de educação, Paulo Freire (1996) enfatiza o processo de construção da identidade do aluno como sujeito crítico, consciente de seu papel social e voltado para o bem-estar comum.

FELICIDADE SE ESCREVE COM C

Ao final do segundo mês letivo, do primeiro semestre de 2015, os educandos das Totalidades Iniciais ainda buscavam se consolidar enquanto grupo, evidenciando aspectos positivos e negativos como qualquer outra turma de escolarização, juntamente com a professora que dava seus primeiros passos na modalidade, ainda se constituindo enquanto alfabetizadora de jovens e adultos.

Os alunos, por serem moradores próximos à escola, se reconheciam enquanto vizinhos ou conhecidos de bairro, fato que causava um clima mais descontraído no ambiente. Porém, a diferença etária e de interesses entre os alunos era motivo de reclamações e discussões que eventualmente ocorriam. Os estudantes mais velhos, em geral trabalhadores diurnos, procuravam atentar para as aprendizagens e suas tarefas, enquanto os mais jovens ainda não demonstravam o amadurecimento necessário à proposta da EJA.

A partir de uma dúvida ortográfica sobre a palavra “felicidade”, se era escrita com S ou C, um dos educandos da Totalidade 3 se propôs a ajudar os demais colegas, que realizavam um ditado em torno do tema sentimentos: “Felicidade se escreve com C, e não com S, professora.”. Quando questionado sobre a sua certeza em fazer tal afirmação, o jovem respondeu que lembrava de que a mesma professora havia lhe ensinado poucos dias atrás que o S no meio de vogais tinha som de Z. Imediatamente, a professora foi remetida a uma cena do filme “À procura da felicidade”, em que o protagonista faz a mesma observação de que felicidade é grafada com C e não com S. Neste momento, uma aluna – já senhora – comentou, em tom brando e divagoso, com

seu característico sotaque nordestino: “*Felicidade é uma palavra bonita por demais, né não professora?*”. A professora concordou e respondeu que, não só era uma palavra bonita, como também era um sentimento muito caro, muito precioso. Esta fala despertou curiosidade dos educandos, que entenderam o sentido de caro como sendo um valor monetário, algo relacionado a bem material.

A professora continuou a provocação para evidenciar que não era o sentido do vocábulo “caro” a que se referia e foi perguntando quanto custava a felicidade, onde era vendida e quem a comprava. Ficou a impressão que somente a última pergunta fez sentido, e ela foi respondida de imediato por um jovem, que enfatizou como se fosse óbvia a resposta: “Quem compra é quem tem dinheiro, quem é rico, ué”. O silêncio se fez por um momento. Alguns continuavam a corrigir o ditado do quadro, outros aguardavam o desenrolar do assunto, ainda sem entender aonde se chegaria. Foi perguntado ao jovem educando se a pessoa humilde, pobre, não era feliz, já que só o rico comprava a felicidade. Neste instante, a professora recebeu a atenção de todos; alguns a olharam com um ar de surpresa em relação à pergunta, mas para dona Maria veio o famoso *insight* da questão: “*Felicidade não se compra, não! A gente é feliz pelo que a gente faz...*”. Era novamente a senhora nordestina, com toda a sua sabedoria, chegando ao “x da questão”.

Felicidade era uma boa palavra geradora. Percebeu-se que se poderia desenvolver um trabalho interessante a partir dela, pois a conversa tinha desacomodado a turma e despertado a participação de todos. Gostaram da ideia, demonstrando sentimentos de curiosidade, empolgação e receio pelas intervenções que estavam por vir. No fundo, todos sabiam que, ao mesmo tempo em que poderia vir a ser um assunto complexo e incisivo, a felicidade também carregava certa beleza, aquela que dona Maria mencionara anteriormente.

Em virtude da inexperiência da professora com a EJA, ela buscou elementos que lhe permitissem um olhar mais criterioso e mais humano ao planejamento, e, para tal imersão, utilizou-se da estratégia sugerida por Madalena Freire (1996), os cinco elementos inerentes ao ato de observação: silenciar, escutar, ver, escrever e participar, que foram de grande ajuda na hora de planejar e colocar em prática as atividades e

discussões propostas para o grupo, visando melhor aproveitamento destes momentos para reflexões críticas acerca de questões essenciais sobre a palavra geradora “felicidade”.

Na aula seguinte às discussões iniciais sobre felicidade, a professora levou a turma para assistir ao filme “À procura da felicidade” (2006) na sala de vídeo. Para deixá-los mais à vontade, já que não gostam de atividades fora da sala de aula, preparou uma recepção com pipocas, bolachas doces e refrigerantes.

O filme é baseado em fatos reais, o que lhe dava certa credibilidade para realizar o trabalho pretendido, depois de sua exibição. No longa-metragem, Chris Gardner (Will Smith) é um pai de família que enfrenta sérias dificuldades financeiras e, como vendedor autônomo e sem muitas expectativas, busca conseguir um emprego melhor, cujo salário possa proporcionar-lhe uma qualidade de vida mínima para seu sustento e do seu filho. Na primeira cena do filme, os educandos identificaram a situação semelhante ocorrida na sala de aula, em que a personagem critica a ortografia da palavra felicidade. Observou-se vários comentários cochichados durante a exibição, principalmente naquelas cenas mais tocantes, mais emotivas. Optou-se por deixar as intervenções para o final. Quando acabou, na sala de vídeo mesmo fez-se um círculo para retomar as ideias do filme, a partir de um roteiro prévio que elaborei contendo a sinopse e algumas questões para reflexão. Em função da longa duração, o tempo era curto, mas conseguiu-se ouvir de alguns alunos o que tinham achado do filme, o que tinham entendido e retomei algumas informações. O trabalho com o roteiro ficou para a próxima aula.

No encontro do dia subsequente, a professora distribuiu os roteiros e orientou que sentassem em um grande círculo para explorar as questões propostas. Solicitou aos alunos da Totalidade 3 que se revezassem com as leituras, iniciando pela sinopse a fim de lembrar o filme e situar os colegas que não o tinham assistido na noite anterior. Cada aluno foi lendo uma pergunta do roteiro e, à medida que se fazia necessário, foi sendo explicado e exemplificados alguns termos mais complexos para que os alunos pudessem formular suas hipóteses sobre cada item. As questões para reflexão foram:

- Quais as principais características de cada personagem (pai, mãe e filho)?

- Quais aspectos relacionados às NECESSIDADES HUMANAS você identifica no personagem principal?
- Destaque os principais aspectos sobre MOTIVAÇÃO identificados no filme.
- Descreva um trecho do filme em que você identifica aspectos relacionados aos CONFLITOS vivenciados pelo personagem principal e qual seria sua sugestão para resolvê-los?
- Qual era o objetivo do protagonista? Ele atingiu este objetivo? Como?
- Em sua opinião, os investimentos que Chris realizou foram adequados? Por quê?
- Você faria diferente? Como?
- Você já vivenciou uma experiência semelhante? Comente. Para você, o que é felicidade?

Esta roda de conversa orientada sobre o filme ocupou quase metade da aula e teve participação massiva dos educandos, culminando em uma partilha muito interessante sobre as distintas visões de mundo, as diferentes vivências e os muitos sonhos e projetos em comum.

A atividade seguinte também foi grupal: a professora propôs aos educandos a escrita de um texto coletivo acerca da palavra geradora “felicidade”. Após a escolha do título, retomei a estrutura básica de uma produção textual, conforme já havíamos trabalhado anteriormente (ideia de início, meio e fim; parágrafos, pontuação básica e letra maiúscula) e sugeri-se que cada um fosse pensando em algo que tivesse a ver com felicidade para compormos a escrita. Para que as ideias fluíssem, a professora foi dando pequenas pistas sobre o caminho a tomar com perguntas como: o que é felicidade? O que te faz feliz? É possível ser feliz o tempo todo? Existe uma receita de felicidade? Entre outras provocações. Conforme o texto ia tomando forma, pediu-se que alguns educandos fossem lendo em voz alta as frases já escritas para desencadear novas ideias. Foi a primeira vez que a turma escreveu um texto coletivo e a tarefa foi considerada uma experiência muito satisfatória, pois cada um deu sua colaboração e não houve

receio de se expor perante o grupo, o que até então era uma característica expressiva da turma.

Após o texto concluído, três jovens se dispuseram a ler um parágrafo cada. O texto foi copiado individualmente nos cadernos e também em um papel pardo para expormos na sala. Foram encaminhadas atividades de linguagem conforme o nível de lectoescrita de cada um.

Para a aula seguinte, a professora trouxe duas reportagens com pesquisas cujos resultados foram apresentados em forma de infográficos sobre “O mito da felicidade” (REVISTA ÉPOCA, 2011) e “O brasileiro é feliz?” (EXPERTISE, 2013). O texto de ambas foi lido, as imagens foram mostradas e discutiu-se um pouco os resultados. Alguns educandos ficaram surpresos com determinadas informações, como por exemplo, a de que setenta por cento dos brasileiros se considera muito feliz (EXPERTISE, 2013). Um alfabetizando chegou a questionar porque tantas pessoas reclamam então, se são felizes. Todos concordaram. A professora fez uma intervenção: sugeri uma rápida pesquisa entre os alunos pedindo que levantasse a mão quem se considerasse muito feliz. Dos onze alunos presentes, nove levantaram. Essa situação foi comparada com a da pesquisa e foi lançada uma provocação: será que estar feliz é o mesmo que estar satisfeito? Pois as pessoas que reclamam geralmente o fazem em função de alguma insatisfação. A pergunta exaltou os ânimos para uma discussão acalorada em torno das reclamações alheias. Neste momento, a turma trouxe muitas falas referentes à situação e as opiniões foram bem heterogêneas, mas todos concordaram quando um colega sussurrou: “A gente reclama porque já é acostumado, se não reclamar perde a graça”.

Após chegarem a um consenso de que estar feliz não é estar necessariamente satisfeito, pois mesmo algo bom pode melhorar, iniciou-se a confecção de um mural com o título “Felicidade é...” onde cada educando tinha que completar a frase escrevendo o que era felicidade para si. As frases foram espontâneas e cada um fez questão de participar e não repetir a sua. “Ter saúde, conseguir um emprego, ser bem quista, ter um alimento na mesa”, foram algumas das frases escolhidas. Colamos no mural as pesquisas e algumas imagens.

Iniciou-se a aula posterior a partir da questão: existe uma receita pronta de felicidade? Alguns responderam que sim, outros discordaram. Lembrou-se o que é uma receita, sua estrutura e para que ela serve. Os educandos continuaram com as opiniões divididas. Uma jovem sugeriu que sim, poderia haver uma receita de felicidade, pois uma boa receita, principalmente se fosse doce, deixava as pessoas felizes. Essa e outras associações que os alunos foram explorando deixaram a professora muito satisfeita, pois antes esse retorno não chegava até ela. Percebeu-se que, desde que este trabalho foi iniciado, a partir da palavra felicidade, talvez por ser um assunto mais leve, mais subjetivo, os pares estavam se expondo mais, compartilhando suas percepções com os demais colegas.

A professora entregou então um pequeno pedaço de papel cujo título era “Receita da Felicidade” e seguia a estrutura típica do gênero textual receita, descrita da seguinte forma: 1 xícara de bondade, 2 colheres de perdão, 5ml de sinceridade, 2L de gratidão e no final, uma pitada de amor. O modo de preparo consistia em adicionar os ingredientes em todos os momentos da vida, misturando um pouco de amigos, família e tudo que nos faz bem. Após, juntar tudo num só coração, aquecendo com mil abraços e palavras de carinho. Sirva à vontade, pois o rendimento são porções de felicidade.

A professora pediu que alguém lesse para o coletivo, mas ninguém se habilitou, então ela mesma leu a receita em voz alta, pausadamente, enfatizando todos os sentimentos envolvidos. Embora as medidas fossem as mesmas utilizadas usualmente em uma receita (xícaras, colheres, pitadas,..), os ingredientes surpreenderam: bondade, perdão, sinceridade. Por fim, uma instrução muito importante: sirva à vontade. Explicou-se a ideia de sentido conotativo ou figurado que a receita trazia. Após algumas considerações, foi proposto que cada um criasse a sua receita de felicidade. A professora auxiliou os que ainda não eram alfabetizados e, ao final da atividade, compartilhou-se a receita de cada um. Grande parte dos educandos embasou sua receita em sentimentos, poucos pensaram em bens materiais, diferentemente das primeiras discussões no dia do ditado.

Não poderia faltar neste trabalho uma atividade com música, pedido feito pelos próprios alunos ainda no início do ano letivo. Selecionou-se a música “Felicidade” de autoria de Lupicínio Rodrigues e, além da letra, levou-se a canção para ouvirmos na

versão da dupla Kleiton e Kledir, para soar mais familiar aos educandos. Ouviu-se duas vezes e alguns conseguiram acompanhar a letra; o refrão, conhecido pela maioria dos educandos, foi cantado com entusiasmo. Passou-se à interpretação oral da letra, explorando, principalmente, a intenção do autor e as rimas.

Como atividade de culminância, cada educando construiu um acróstico com a palavra “felicidade”. Foi uma atividade mais artística, mais livre. Para compor a produção valia qualquer palavra que remetesse a pessoa à felicidade: sentimentos, objetos, pessoas. Embora tenha sido uma atividade individual, percebeu-se uma coletividade na mesma: colegas se ajudando a encontrar palavras, trabalhando juntos, auxiliando uns aos outros, proporcionando um ambiente de trabalho produtivo e, sobretudo, dialógico.

O diálogo foi um instrumento primordial durante todo o processo, tanto em relação à educadora para com os alfabetizandos, quanto entre eles, favorecendo o fortalecimento de vínculos e evidenciando novas aprendizagens discentes e docente, pois “[...] a partir do diálogo crítico e problematizador será possível aos oprimidos construir caminhos concretos para a realização do seu ser mais.” (ZITKOSKI; STRECK; REDIN, 2008, p. 380).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este trabalho, o tema gerador se constituiu quando um educando expôs a ideia de que felicidade pode ser comprada e “*Quem compra é quem tem dinheiro [...]*”. Nesta fala, compartilhada inicialmente por outros colegas, estão implícitas muitas pistas sobre a visão de mundo daqueles educandos e suas vivências. A partir daí o trabalho foi pensado de modo a priorizar o diálogo e a escuta sensível destas pessoas. Buscou-se identificar o que por vezes pode vir a ser um “pedido de socorro”, um sinal de que algo não vai bem e, então, saber quais caminhos trilhar enquanto educadora, para que o processo educativo deste sujeito seja libertário e propulsor para outra (nova) perspectiva de vida.

Não é mensurável o quão significativas foram as discussões e reflexões que brotaram da problematização sobre felicidade com C, mas pode-se falar com

propriedade sobre as minhas aprendizagens enquanto educadora recém-chegada na EJA. Vivenciou-se a ideia de que “não há docência sem discência” (FREIRE, P., 1996, p. 23), uma frase muito pertinente à Educação, principalmente no que se refere à importância de refletir o planejamento e as ações pedagógicas (e tudo o que se refere à docência), bem como explorar o olhar observador. Segundo Madalena Freire (1996, p. 3), “observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica.”

O trabalho em torno de descobrir o que é felicidade e a busca por ela não acaba aqui. Ele apenas iniciou. “Ensinar exige consciência do inacabado. [...] Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, P., 1996, p. 50). O verbete “feliz” e seus substantivos derivados (felicidade, infelizmente, infelicidade) – que também são abstratos – acabam por materializar-se no nosso dia a dia nas mais diversas instâncias: um abraço, o aconchego do lar com a família reunida, a aquisição do carro novo ou uma grande fatia de bolo de chocolate. Sim, a felicidade é uma ilusão – como colocou uma aluna – pois ela é momentânea; mas a vida é feita de momentos.

A noite do ditado e a problematização de escrever felicidade com C e não com S acabou por desacomodar os educandos e render discussões e reflexões interessantes entre os educandos. Como educadora e entusiasta da felicidade, pensei que era um assunto significativo demais para deixar restrito apenas àquela aula. Era um assunto que, possivelmente, não mudaria O MUNDO, mas que, certamente, poderia vir a mudar UM MUNDO, UMA VIDA, UMA HISTÓRIA, pois tem-se convicção de que,

[...] a EDUCAÇÃO não muda o MUNDO. Mas a EDUCAÇÃO ajuda a mudar as PESSOAS. E ela muda as PESSOAS, ensinando elas a saber ler melhor, a saber pensar melhor, a saber julgar melhor o que está acontecendo, a saber agir melhor, juntas, uma ao lado das outras. E, assim, PESSOAS que sabem ler palavras, lendo o MUNDO, haveriam de saber mudar o mundo. Saberiam como fazer um MUNDO melhor para vida de PESSOAS mais felizes. Afinal, FELICIDADE é uma coisa tão boa que ninguém no mundo deveria viver sem ela! (BRANDÃO, 2005, p. 37, grifo do autor).

E mudou. Não o mundo, mas alguns mundos, algumas vidas, algumas histórias. O trabalho que se desenvolveu em poucas aulas despertou nos educandos novas possibilidades para muito além daquelas (singelas e subjetivas) que eles próprios projetaram no início do ano letivo quando conversamos sobre sonhos, objetivos e perspectivas. Como professora referência das Totalidades Iniciais, percebeu-se que este trabalho auxiliou não só nos processos de aprendizagem, tornando os sujeitos mais autônomos e confiantes em seu potencial produtivo. Através de relatos dos próprios educandos – a partir do entendimento de que a felicidade não é um ideal utópico (por mais ingênuo que isso nos pareça) – a história de vida desses sujeitos vem colecionando protagonismos na medida em que se constituem marcos importantes como a escrita do próprio nome, a leitura da primeira palavra, a conquista de um emprego melhor. São essas pequenas grandes conquistas que vem brindando a docente, a todo instante, aumentando a crença de um futuro mais digno e esperançoso.

Mais do que acompanhar essa “escrita” – ainda que por vezes subjetiva – da história de vida desses alunos, a docente também tenho podido, desde então, escrever as primeiras linhas da sua própria história enquanto professora de jovens e adultos numa perspectiva ora utópica, ora realista. Ela também segue se constituindo educadora e aprendiz com as marotagens dos adolescentes, com as ilusões dos jovens, com as responsabilidades dos adultos e com a sabedoria dos idosos.

REFERÊNCIAS

A PROCURA da felicidade. Direção: Gabriele Muccino. Roteiro: Steven Conrad. EUA: Columbia Pictures, 2006. Gênero: Drama. Duração: 117 minutos. DVD.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo:** uma história de pessoas, de letras e de palavras. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

EXPERTISE. **O brasileiro é feliz?** 2013. Disponível em: <<http://site.expertise.net.br/o-brasileiro-%C3%A9-feliz/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

FREIRE, Madalena. Educando o olhar da observação – Aprendizagem do olhar. In: OBSERVAÇÃO, registro e reflexão. Instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

REVISTA ÉPOCA. **O mito da felicidade**. Edição *on-line*. Editora Globo, 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI236742-15228,00-O+MITO+DA+FELICIDADE.html>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

SANTOMÉ, Jurgo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZITKOSKI, Jaime José; STRECK, Danilo; REDIN, Euclides. (Org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

Recebido em: 30/08/2015.
Aprovado em: 25/04/2016.